

A EDUCAÇÃO E A ÉTICA COMO RELAÇÃO¹

Arnaldo Nogaro²

O que nos parece oportuno, inicialmente, é estabelecer referências a respeito do que nos propomos tratar aqui que é a compreensão da educação e da ética enquanto relação. Poderíamos optar por diferentes enfoque e abordagens das implicações da educação e da ética, mas acreditamos ser oportuno fazer um recorte e refletir sobre a dimensão “relação”, entendida no sentido da educação e da ética enquanto espaços e possibilidades concretas da intersubjetividade humana.

Para Freire (1997), não é possível pensar nos seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. Educadores e educandos não podem escapar à rigorosidade ética.

É por esta ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças ou jovens ou com adultos, que devemos lutar. E a melhor maneira de por ela lutar é vivê-la em nossa prática, é testemunhá-la, vivaz, aos educandos em nossas relações com eles (FREIRE, 1997, p. 17).

Para falarmos em ética e educação demanda inicialmente que definamos o que entendemos por estes conceitos. Por serem conceitos dinâmicos, abertos e sobre os quais sempre é possível o debate e a polêmica vamos definir, brevemente, os mesmos para que o leitor saiba de nossos posicionamentos ao tratarmos deles³.

Ética para Vázquez (1992), “[...] é a teoria, investigação ou explicação de um tipo de experiência humana ou forma de comportamento dos homens, o da moral, considerando porém na sua totalidade, diversidade e variedade”(p. 11) e ainda “[...] é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade”(p. 12). Para Abbagnano: “Em geral, ciência da conduta” (2000, p. 380). Ficaremos com a compreensão da ética enquanto ciência da conduta humana que orienta ao homem os fins a seguir.

¹ Texto base de palestra proferida em Santiago/RS em Congresso Nacional de Educação.

² Professor da URI- Campus de Erechim. Doutor em Educação/UFRGS. Endereço eletrônico: narnaldo@uri.com.br

³ Há uma ampla literatura que trata dos mesmos e quem desejar aprofundar-se nestes assuntos poderá recorrer a ela.

Já para definir educação é um tanto mais complexo. Há uma relativa dificuldade para que os autores cheguem a uma definição mais objetiva, em função das diferentes tendências, abordagens e correntes teórico-filosóficas existentes. Fomos buscar a definição oferecida pelo dicionário filosófico, que por ser uma definição clássica e etimológica, dá uma noção do que pensamos a esse respeito. Etimologicamente a palavra educação vem do latim *e-ducere* que significa conduzir para fora ou também *educare* que assinala a ação de formar, instruir, guiar. Dentre os seus muitos significados vamos ficar com o sentido de formar, portanto, educação é formação com todas as suas implicações para o homem.

Para uma escola diferente é preciso que o professor pense e atue diferente. Não mais será possível uma ação autônoma sem uma autonomia da vontade do dever, ou seja, das ações humanas serem efetivadas por um imperativo categórico, como afirmava Kant (1983). Para ele podemos agir guiados por imperativos hipotéticos ou categóricos, estando nas nossas mãos a determinação de nossa vontade. Hipotéticos quando a ação se desenvolve por interferência de uma ordem externa ao sujeito, nos apresentam uma ação necessária para alcançar certo fim. E os imperativos categóricos demandam uma autonomia da vontade ou uma autonomia do sujeito. Nos propõem uma ação como necessária em si mesma, incondicionalmente. Estes estão ligados à conduta ética porque prescrevem uma certa conduta, independentemente de todo outro fim.

A autonomia é algo que o sujeito desenvolve, constrói. Não somos autônomos somente em função dos anos que passamos na escola de formação ou no convívio com nossos alunos, mas pelo nosso empenho em conquistá-la enquanto elemento constitutivo de nossa identidade como educadores. Para Freire (1997), o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. A ética é parte integrante da competência (dos saberes) do professor, do saber ser professor. Isso significa que um professor que não tem um sonho, uma utopia, não é comprometido,... não é “competente”⁴, não é ético.

Estarmos comprometido é termos a exata dimensão do outro, pois o compromisso é com algo ou alguém, supõe uma postura de saída de si mesmo, quebra com a idéia do “indivíduo” fechado. É abertura, é responsabilidade, é partilha; é ter compaixão pelo outro

⁴ O conceito de competência aqui refere-se a saberes que o professor precisa mobilizar na sua ação e não no sentido apenas de um saber fazer instrumental, tecnicista ou produtivista.

enquanto ser que diz respeito a mim e enquanto possibilidade de realização minha como ser coletivo e do outro como ser político, intersubjetivo. O ser social, intersubjetivo é característica ontológica, fundamental do humano, nos define, nos determina. E a ética é este responsabilizar-nos por nós e pelo outro nesta relação vital de mútua necessidade de afirmação humana enquanto nos construímos como humanos. Etimologicamente, responsabilidade, significa o dever de responder ao outro, a necessidade de dar respostas a uma outra proposta.

O ser humano emerge como um ser ético quando sente o outro como outro, em sua autonomia, quando se solidariza com ele, quando desenvolve com-paixão por sua vida e sua causa. Ser ético é poder assumir os interesses do outro até mesmo quando eles não coincidem com os nossos. São assumidos porque são percebidos como justos e retos (BOFF, 2000, p. 79).

A pré-ocupação com o outro enquanto semelhante faz nascer a relação de sentido entre os humanos. O ser humano é o único ser vivente que se pergunta pelo sentido da vida e de sua vida. Questiona-se sobre o cuidar e cuidar-se, sobre a preservação de si e do outro. Nos completamos como humanos porque além de desenvolvermos várias funções biológicas animais, perguntamos pelo amanhã, pelo outro, pelo sentido de nossos atos. A ética ou a educação para a vida ética caminha passo a passo com a constituição do homem enquanto ser que se constrói na pré-ocupação. O sentir-nos compelidos e chamados a uma relação de sentido nos define cada vez mais como humanos, porque buscamos preservar e conservar aqueles princípios fundamentais que dizem respeito à manutenção e o respeito à vida humana. Respeito este próprio dos seres que sentem e desejam a preservação do outro, seu semelhante, que partilha um espaço vital no qual a sobrevivência de um está imbricada na do outro.

Cortar a capacidade de relação, impedir a responsabilidade pessoal e coletiva, obstruir a capacidade de sentir o outro e de deixar-se envolver por sua vida e causa implica desconsiderar a dignidade humana, fonte de todos os valores (BOFF, 2000, p. 79).

Precisamos ser éticos por muitas razões, mas há uma razão fundamental que é a finitude humana e conseqüente a liberdade que possuímos para agir decorrente disso. Se somos livres para agirmos e nos construirmos devemos atentar para não comprometermos

nossa existência com ações que deponham contra a ética, que transgridam a ética. Pelo fato de possuímos uma única vida e em muitos momentos da mesma não termos a segunda chance ou a possibilidade de retomar e reconstruirmos nossos atos de outro modo devemos usar nossa liberdade da forma e conduta mais austera possível para não sermos irresponsáveis e colocar nossa existência e de quem está ao nosso redor em risco. Como humanos temos muitas oportunidades de nos reinventar-nos, mas em determinadas situações da vida não há uma segunda oportunidade. Portanto se faz necessário toda atenção e zelo na relação com o outro e com o mundo. Agir de modo a não pôr em risco nossa existência e a do outro pode se tornar um imperativo ético fundamental. “O ser humano, politicamente, não quer ser beneficiário, mas participante” (BOFF, 2000, p. 81).

A vida é relação e relação supõe a compreensão do homem como um ser coletivo, uma extensão de um universo maior que só existe para nós por que assim o percebemos e com ele nos relacionamos. Na dimensão ética esta relação não deve dar-se em função de interesses econômicos, produtivos, expoliativos, mas como manifestação própria do humano, como constitutivamente fundado nas relações ou inter-relações que estabelece com o meio e com os outros. Para esta relação precisamos ser habituados, educados para que seja de expansão e interação e não de exploração e de posse. O homem não nasce ético, precisa construir-se como tal. Para Gadotti (2003), educar para conquistar um vínculo amoroso com a Terra, não para explorá-la, mas para amá-la.

A abertura do ser humano é algo próprio e o define como tal. Constitui-se numa perspectiva antropológica, do ser pessoa.

Pessoa quer dizer um ser em relação. O ser humano apresenta-se como um nó de relações. Ele ex-iste, isto é, está voltado para fora, em todas as direções, também para dentro de sua interioridade. Fora da relação o ser humano não existe. Daí que ele não existe apenas. Sempre co-existe. Eu sou meus relacionamentos (BOFF, 2000, p. 78).

É saindo de si que o homem se encontra, fica nele mesmo. No jogo de dar e receber, nas relações é que constrói sua personalidade. Impedir o ser humano de relacionar-se, de partilhar com seus semelhantes constitui-se numa violência, em um ato que proíbe o homem de ser ele mesmo. Ao coirmos a possibilidade do homem projetar-se, de “transgredir”, de exercitar sua liberdade criadora transformamo-lo em objeto.

O sentido ético da liberdade pessoal reside na capacidade de acolher e potenciar a liberdade do outro. Não é exercer a liberdade própria até os limites da liberdade do outro. Antes, comporta entrar em comunhão com a liberdade do outro (BOFF, 2000, p. 79).

Desta crença no outro, que é uma crença na possibilidade do humano, nasce uma ética da alteridade, da solidariedade, da comunhão da convivialidade. A ausência de ética é a negação de que acreditamos e cremos no ser humano. Sem ética nada mais tem valor, pois encharcamos-nos nos interesses egoístas e individualistas contrários aos interesses dos outros e da comunidade, num conviver-com. Fazer o bem e evitar o mal não é somente um imperativo ético, condição da existência coletiva, como também é um chamado à libertação do homem, à instalação de sua dignidade. Uma sociedade que não quer para si e não alimenta a ética como princípio sucumbe à opressão e à exclusão. Para Boff (2000), a sociedade como um todo somente é sã se predominarem as relações de inclusão, relações de solidariedade entre todos, relações de reciprocidade e de complementaridade. Assim, cada ser humano se torna responsável pelo mundo, porque na relação para com ele e com as pessoas ajuda a criá-lo e recriá-lo permanentemente.

A escola precisa construir sua proposta educativa de tal forma que se institua num espaço de respeito à autonomia, à liberdade e ao engajamento ao outro. Ela precisa organizar-se para que os que nela convivem possam aprender, exercer e re-aprender a liberdade de ser e de agir. Para Boff (2000) não há violência maior feita ao ser humano do que impedi-lo de exercer sua consciência e sua liberdade para estabelecer relações cada vez mais abertas e inclusivas.

Ética é acima de tudo relação, pois só vamos ter a percepção, a clareza de nossos atos nas relações que estabelecemos ou que outros estabelecem conosco. Saber se o ato é bom ou mau somente é possível a partir da pergunta do porquê, com que finalidade, com que intenção, isto é, qual o sentido e o desejo, ou o que pretendemos atingir quando de nossa ação.

Como concebemos os seres humanos como sujeitos que fazem uso da liberdade, que podem ser livres, temos que colocar como hipótese a possibilidade do exercício da ética ou da ação humana fora da ética, da decência e da “boniteza”. Os homens e as mulheres são seres capazes de agir eticamente, como também de transgredir a ética. “Neste sentido, a

transgressão dos princípios éticos é uma possibilidade, mas não é uma virtude. Não podemos aceitá-la” (FREIRE, 1997, p. 19).

Como não podemos obrigar os homens ou dirigir sua vontade é preciso criar consciência ética nos mesmos e a educação, o espaço escolar, se constitui em um lugar privilegiado para a construção dessa consciência. Como sabemos que os homens e as mulheres podem escolher, são dotados de livre arbítrio, devemos trabalhar no sentido de uma educação das escolhas, da vontade dos homens e das mulheres; da construção de relações pautadas por princípios de respeito ao outro, de convivialidade, de justiça. Ética é justiça.

É no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção, que se instaura a necessidade da ética e se impõe a responsabilidade. A ética se torna inevitável e sua transgressão possível é um desvalor, jamais uma virtude (FREIRE, 1997, p. 20).

Se a transgressão da ética não é um valor precisa ser evitada, e as pessoas formadas para fazerem escolhas “certas”, condizentes com a dignidade humana e com o que o homem representa enquanto ser social, de vida coletiva. Construir uma nova prática educativa, baseada na emancipação, na inclusão, a partir de novos valores, supõe uma nova ética e a escola também é responsável pela instauração dela. O componente ético será essencial para que o professor defina seu jeito de ser em função da mudança que quer.

BIBLIOGRAFIA

ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BOFF, Leonardo. *A voz do arco-íris*. Brasília: Letraviva, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GADOTTI, Moacir. *Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido*. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

KANT, I. *Crítica da razão prática. Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

VÁZQUEZ, A. *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.